

ERA UMA VEZ UM IMAGINÁRIO*

Juliana Tonin¹

INTRODUÇÃO

Desvendar os segredos da sociedade e os segredos do Lince: eis o objetivo deste ensaio. Do social, quer-se compreender os mistérios de um presente que se auto-reproduz, que se hiper-realiza e que, diante de um princípio de incerteza, opta pela *grande faxina*. À sombra da Transparência do Mal, pretende-se restringir o pensamento à descoberta do *porque* e *o que* acontece a uma sociedade submersa numa substância onde o *elêtron* é vetado. Ao excesso de positividade, confronta-se a Campanha Publicitária da RBS, veiculada em 2003, na qual o slogan *O amor é a melhor herança, cuide das crianças* é cantado por entidades representativas do Mal. Assim, pretende-se esclarecer a investida contra valores morais negativos, típica dos tempos atuais. Os próprios monstros, graças à campanha, se desligaram do peso de serem diferentes: agora, também são bons. Antes de serem promovidos ao real, habitavam o imaginário que ordenava os limites morais e mostrava o caminho a seguir. Agora, despovoaram o simbolismo infantil e demitiram-se da função de auxiliares no equilíbrio dos valores sociais. Causas e conseqüências pesquisadas podem ajudar a traçar um panorama da pós-modernidade, tudo isso, através do olhar do Lince.

É ingênuo comparar Baudrillard ao Lince, mas, seguindo o entendimento xamânico das características destes animais, a essência de ambos se aproxima. O Lince possui a capacidade de mover-se através do tempo e do espaço. Mergulha no Grande Silêncio e traz os mistérios à tona, detendo, assim, os segredos esquecidos e os conhecimentos ocultos. O problema é fazê-lo revelar estes mistérios, pois prefere sair à caça ou brincar jogando areia na cara. Depois, se guarda em silêncio, encobrendo seus mistérios...

Jean Baudrillard enterra a modernidade ao revelar a contemporaneidade como expressão pós-orgiástica. O apogeu dionisíaco da mesma chegou ao fim movido pelo esgotamento da orgia e do sentimento de uma liberação em todos os níveis (sexual, racional, crítico, anticrítico, de crescimento, de crise de crescimento, produção e superprodução virtual de objetos, signos, mensagens, ideologias e prazeres). Está-se num presente ou, conforme seus termos, num atual estado de coisas, onde tudo já aconteceu e o que resta é uma repetição ao infinito, a simulação de todas as utopias realizadas real ou virtualmente.

Após a orgia nasce a indiferença fatal exigindo, como condição para uma reprodução indefinida, a atitude paradoxal de viver como se o passado não tivesse existido.

Um estado de simulação desnuda um desaparecimento. Entretanto, não há um modo fatal de ocorrência deste, mas um modo fractal de dispersão, pois as coisas não desaparecem pelo fim, e sim, por excesso, por proliferação, por transparência, por “epidemia da simulação”, como enfatiza Baudrillard (1992).

As coisas continuam a funcionar ao passo que a idéia delas já desapareceu há muito. Continuam a funcionar numa indiferença total a seu próprio conteúdo. E o paradoxo é que elas funcionam melhor ainda (p.12).

A radiografia do social feita por Baudrillard, sublinhando que, para ele, o social já não existe mais – em virtude de uma transformação do mesmo em uma sociedade indeterminista, na qual milhões de pessoas não participam mais de nenhum sistema de representação –, é complementada de um prognóstico sarcástico, sem profecias ou compromissos com verdades, de que, comparado ao homem sem sombra, algo que perdeu sua própria idéia, acaba por entrar em um delírio, perdendo-se.

Convém entender que a simulação não é o oposto do real, não existe uma crise do real sendo vivenciada. É uma crise da ilusão. A catástrofe é, justamente, o excesso de realidade difundido pelos simulacros. Resta, porém, uma ilusão: a ilusão virtual. O objetivo nesta, é alcançar a imunidade total, e ele é atingido pelas indiferenciações entre bem e mal; real e referencial; falso e verdadeiro; e por uma reconstrução artificial do mundo. Tudo isso, ao preço de um desencantamento total.

Já não nos batemos contra o fantasma da alienação, mas contra o da ultra-realidade. Já não nos batemos contra a nossa sombra, mas contra a transparência. E cada avanço tecnológico, cada progresso na informação e na comunicação, nos aproxima desta transparência inelutável (1996, p.95).

Após a orgia nasce a indiferença fatal exigindo, como condição para uma reprodução indefinida, a atitude paradoxal de viver como se o passado não tivesse existido.

A imagem absorve a imaginação e todos os sonhos são realizados. Para o autor, na entrevista *O Elogio Radical da Parte Maldita*, é este processo que transforma um sonho em pesadelo, na medida em que, através da mídia, do domínio do visual, o ser é desligado de seu corpo e suas idéias. Sensibilizado para o vazio, adota as próteses das próprias convicções. O sujeito não passa de um ser que mergulhou na indiferença das redes. O excesso de informação, de conhecimento, espalha-se, incapaz de suscitar interesse. Na sociedade plena de ruídos, imagens, apelos, o único execrado é o silêncio. Incômodo, deve ser terminantemente proibido, pois ninguém suporta a constatação do vazio que uma pane sonora ou visual pode provocar. O silêncio representa um ataque terrorista dentro dos domínios do indivíduo, é a acre lembrança de que algo não vai bem. Imagens suprem o vazio numa profusão de outro vazio: colorido, movimentado e barulhento. “A imagem do homem sentado, contemplando, num dia de greve, sua televisão vazia, constituirá no futu-

ro uma das mais belas imagens da antropologia do século XX” (1992, p.19).

Além disso, observa-se a substituição da metáfora pela metonímia, resultando metástases generalizadas no corpo social. Metonímia no sentido de troca geral dos termos, viral. Isto remete à afetação, propagação ampla, reação em cadeia onde o sexo, o político, a economia, o esporte, a ciência, a arte, já não se encontram em si mesmos, mas em todos os domínios, rebatizados de transexual, transeconômico, transtético e assim por diante. “Cada categoria é levada a seu mais alto grau de generalização e, por isso, perde toda a sua especificidade e se desfaz em todas as outras” (1992, p.15). Nada mais irônico do que constatar que se tudo é estético, nada mais é bonito ou feio, desaparecendo a própria arte. No grau máximo de realidade atinge-se o grau zero de todas as categorias.

Desaparecidas as posições pontuais dos sujeitos e objetos, uma incerteza, ou princípio da incerteza, se faz presente, em consequência das dúvidas quanto à realidade destes ou daqueles. A provável descoberta de um mundo irreal, saldo de uma revolução da incerteza, é uma imagem que a sociedade não está preparada para ver, explica Baudrillard. O paradoxo, aqui, é que, de todo este sentimento, desta dúvida global, a única coisa que resta é um excesso de positividade. Elimina-se a contradição, as partes malditas, em prol de uma transparência definitiva.

Tudo deve ser pós-sincronizado segundo critérios de conveniência e de compatibilidade máxima. Em toda a parte chega-se a essa formalização desumana do rosto, da palavra, do sexo, do corpo, da vontade, da opinião pública. Qualquer traço do destino e da negatividade deve ser expulso em proveito de algo que lembra o sorriso do morto nos *funeral homes*, em proveito de uma redenção geral dos signos, numa gigantesca manobra de cirurgia plástica (1992, p. 52).

A facticidade decorrente da positividade operacionaliza as ações, isto quer dizer que se acrescenta ao querer, poder, crer, saber, agir, de-sejar e gozar, o auxiliar *fazer*, intensificando que a produção da ação possui mais valor do que ela em si. Conteúdo aniquilado, performance ovacionada. Ao abolir as singularidades, em busca do grau zero da diferença, é iniciada a eliminação de si

próprio, “tudo o que se quer singular, incomparável, e que não entra no jogo da diferença, deve ser exterminado” (1996, p. 160). O autor lembra que uma patologia viral é resultado de uma ultrapositividade, e a positividade encarnada é a assassina do social. Metástase do mesmo, privação do outro, fim da oposição dialética, idéias que confluem como motivadoras de uma servidão voluntária, ou seja, dependência de sistemas de dados, de cálculos, eficácia e performance total na ilusão virtual de domínio, onde o objeto ou finalidade deste já não existem mais. O desaparecer pode ser a estratégia secreta de uma radicalização da vida, um crime perfeito, sem marcas e irreversível. A perfeição do crime somente acontecerá quando os vírus, colapsos, germes e catástrofes deixarem de ser os vestígios.

A caçada ao negativo é a solução, porém, sem ele, perde-se a condição de oposição regulada, pois a indistinção do contrário abre espaço para a própria transparência do Mal, “a transpiração do pior através do melhor” (1995, p. 96). O Mal traz a alteridade, o mal é bom, ruim é a transparência, pois não se tem mais a possibilidade de sair do caminho, elimina-se o espaço de transgressão.

Ao questionar “para onde foi o Mal”, Baudrillard é ainda mais cáustico respondendo: “para toda a parte”.

Numa sociedade em que, à força da profilaxia, de extinção das referências naturais, de embranquecimento da violência, de exterminação dos germes e de todas as partes malditas, de cirurgia estética do negativo, só se quer tratar com a gestão calculada do discurso do Bem, numa sociedade em que já não há possibilidade de enunciar o Mal, este metamorfoseou-se em todas as formas virais e terroristas que nos obsessam (p. 89).

Numa idealização das relações humanas, a proferência de discursos de direitos humanos, *valor piedoso, fraco, inútil, hipócrita*, que acredita possuir uma finalidade natural ao Bem, é a incapacidade de saber enunciar o Mal. Em 8 de junho de 2003, iniciou-se uma campanha regional em defesa do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Através da RBS, sul-rio-grandenses e catarinenses puderam conhecer novas versões de personagens maus de fábulas e contos de fada: na versão pós-moderna, todos eles são bons. A Bru-

xa, o Boi-da-Cara-Preta, o Diabo, a Mula-Sem-Cabeça e o Bicho-Papão, ganharam filhos pequenos e proferem o discurso *O Amor é a melhor herança, cuide da criança*, slogan da campanha. Cabe lembrar que, em dezembro do mesmo ano, somou-se a eles o Lobo Mau.

O jingle² da campanha oferece a confissão de que são incapazes de praticar “maldades” com seus filhos, são conscientes, cuidadosos e mostram-se surpresos com quem pratica maus-tratos com crianças. Na TV, rádio, jornal e internet, personificam-se invertendo o imaginário adulto e infantil que sempre os entendeu como representação do Mal. “Até eu, o Bicho-Papão, saí de cima do telhado e entrei na campanha contra a violência em crianças” (figura 1), afirma o personagem ao lado de seu “papãozinho”.



figura 1 – Zero Hora 9 nov. 2003

Pela primeira vez é construída a imagem do Bicho-Papão e, comparado às características formais dos personagens maus de filmes e desenhos, aos quais as crianças assistem atualmente, é mais adorável que pavoroso. Seguindo o pensamento de Baudrillard, pode-se alterar a citação deste monstro para *Até eu, o Bicho Papão, saí do imaginário e entrei na ultra-realidade em campanha contra o negativismo*. Sua estratégia é perfeita, pois se permanecesse mau, fatalmente seria extinto.

O caráter lúdico, ficcional, a ilusão, sucumbem à materialidade. A possibilidade de transcendência esgota-se na concretude da forma, cor, voz, ambiente em que vive e do depoimento. Gilbert Durand em *A Imaginação Simbólica*, afirma que o pensamento simbólico é benéfico em, no mínimo, quatro casos: num primeiro momento, o símbolo surge como restabelecedor do “equilíbrio vital”, é a eufemização da morte, uma máscara que se põe diante desta terrível figura. Um segundo benefício é o do “equilíbrio psicossocial”, no qual o papel da imaginação se-

ria, conforme a psicanálise clássica, o “amortecimento” entre o impulso e sua repressão. Em seguida, viria o “equilíbrio antropológico”, propiciado pela instauração do homem como ser simbólico, devido ao “humanismo ou ecumenismo da alma humana”. Por fim, destaca-se a “infinita transcendência” que se coloca como valor supremo.

De fato, a vida biológica, o ‘bom senso’ que torna o espírito justo, a cidade e seus sintemas, o gênero humano e o glorioso museu das imagens e dos devaneios que ele constrói, em uma interminável e fraternal lenda dos séculos são, por sua vez, aos olhos da insaciável função simbólica, e em sua relação negativa mesmo na morte, na loucura, na desadaptação ou na segregação racista, símbolos vivos, revestidos, por sua vez, de um sentido que os acompanha e os transcende. Por trás da vida que se escora contra a morte, eis que se destaca uma vida do espírito que não tem nada de essencial a ver com a biologia (1988, p. 108).

Silva (2003) ilustra, poeticamente, o agir do homem afirmando que este só concretiza suas ações por estar “mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos” (p.12). Se o homem só realiza criando e sendo criado por imaginários, se o homem só consegue uma sobrevivência equilibrada somando os ganhos obtidos naturalmente com a função simbólica, e, supondo o fim da ilusão, a materialização do imaginário infantil constatada na campanha citada, permite transcender o brilhante questionamento de Baudrillard “Por que existe o nada ao invés de alguma coisa?”, através da indagação *Como serão os seres crescidos no nada?*. Ao analisar, juntamente à perspectiva simbólica, a geração assexuada de crianças, por inseminação artificial ou clonagem, a provável reposta às dúvidas é de uma dureza intragável. É o fim da infância. Para Baudrillard (1992), a criança nada mais é do que um ser de substituição, está absolvida do linear processo da metamorfose humana. Desaparecem as condições psíquicas e simbólicas, bem como a alteridade natural, acarretando, à criança, dificuldade não em encontrar sua identidade e autonomia, mas sua estranheza.

Na realidade, a infância, como se conhece, surge somente a partir do século XVIII. Ariès em seu estudo *História Social da Criança e da Fa-*

mília, pesquisa cuidadosa sobre a iconografia, a pedagogia e os jogos infantis, afirma que, na Idade Média e por muito tempo, assim que as crianças dispensavam a ajuda dos pais (por volta dos sete anos), já se misturavam ao mundo adulto. A família possuía a responsabilidade social de transmitir a vida, o nome e os bens, e não era instituída como unidade do Estado. Tudo era demasiado coletivo, sem a consciência de classe e sem valores modernos de sentimentalidade. No século XVII, reformadores iniciaram o processo de moralização social contra a anarquia medieval. A escola foi o grande resultado, com uma educação voltada para crianças. Aos pais, era incentivada a idéia de educar e de se responsabilizar pelos filhos (não somente o mais velho e incluindo as meninas), ao invés de apenas colocá-los no mundo. O desenvolvimento extraordinário do número de escolas para crianças partiu do entendimento que elas ainda não estavam maduras o suficiente para participar da vida adulta. No início do século XVIII, aquelas que completavam sete anos eram enclausuradas no regime de internato, prática comum na nova sociedade que valorizava a família como o corpo social privado. A criança era vista como fruto do pecado, como algo incompleto e negativo, em razão do que todos os castigos físicos eram justificados, a favor da modelagem do seu caráter. Pensamento comum era o de que, se os adultos têm problemas é porque passaram, inevitavelmente, pela imperfeição da infância. Se já nascessem adultos, não teriam conflitos. A psicanálise freudiana inverte este pensamento, destacando que uma saudável relação do indivíduo na primeira infância, principalmente um bom contato com a mãe no aleitamento, determina a sanidade e o caráter do adulto.

Os escritos de Rousseau, verdadeiros manuais da família, dos papéis a serem representados pelos homens e mulheres no foro íntimo, das dicas de cuidados e apologia à amamentação feita pela mãe, convergem para o final do século XVIII e o descobrimento da criança como valor mercantil. É um ser que, dependendo da sua criação, pode se tornar útil para a sociedade. Apela-se, finalmente, para a sentimentalidade. Incentivo do aleitamento sem amas de leite, educação, no período dos quatro aos sete anos de idade, feita pelo pai, internato até a adolescência e, última responsabilidade da família, o casamento. A vivência direta com a família acontecia nos primeiros sete anos, os quais eram carregados de afetividade, brincadeiras, contato com pai e mãe, em uma at-

mosfera de valorização absoluta da família. A iconografia da época, segundo Ariès (1981), reforça as imagens das famílias reunidas com suas crianças ao colo ou brincando, felizes. Uma literatura infantil aparece nesta fase, bem como a especificidade médica, porém, o termo *Pediatria* é datado do final do século XIX.

Um discurso de amor materno é disseminado com o objetivo de evitar mortes de crianças. Ele focaliza a atenção da mãe para a criação do filho, numa estratégia persuasiva de forte argumento, pois o amor materno era referido como parte quase que carnal da mulher, como instinto, como algo criado pela natureza e impossível de ser contestado.

Pensar a criança como futuro membro econômico ativo e permitir a sobrevivência da mesma até a idade adulta exigiu sacrifícios, inclusive o de invenção da própria infância. Triste constatação, mas tinha-se a ilusão. Seja como for, no século atual a ilusão foi perdida. O valor foi perdido. A criança está em vias de desaparecer. Vitória da performance técnica.

Assim como a infância nem sempre foi presente na história, os contos e fábulas que contêm o modo de vida e as representações de diferentes povos, sofreram mutações entre regiões e através dos tempos. Darnton (1986), analisando narrativas populares, bem como a literatura intelectualizada (*Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert e leitores de Rousseau) da França do século XVIII, apresenta, nas páginas de seu livro, o horror, a violência, a calamidade presente nos contos até o final do período em questão. O que comovia era o próprio caráter da tragédia, e não o final feliz, que foi incorporado às histórias somente no início do século XIX. *Chapeuzinho Vermelho*, até então, terminara sempre devorada pelo lobo.

A narrativa *O Grande Massacre de Gatos*, testemunhada e escrita por Nicolas Contat, no final da década de 1730, e interpretada por Darnton, é a tradução do simbolismo do Antigo Regime e a prova de domínio deste por parte dos operários³ da gráfica situada na Rua Saint-Séverin, em Paris.

Através desta pulsação, evidencia-se a investida contra o patrão, contra o burguês, e um ataque contra a patroa, uma vez que os gatos eram símbolos de feitiçaria, evocavam o sexo, a violência e tinham poderes ocultos. Os símbolos escondem o verdadeiro significado, mas, neste caso, a rebelião foi suficiente para fazer do burguês um tolo sem motivo para apreensões.

Sem dúvida, sentiam-se altivados e haviam acumulado ressentimento suficiente para explodir numa orgia de morte. Meio século depois, os artesãos de Paris se amotinaram de maneira parecida, combinando a matança indiscriminada com tribunais populares improvisados. Seria absurdo encarar o massacre de gatos como um ensaio final para os Massacres de Setembro da Revolução Francesa, mas a irrupção anterior de violência realmente sugeria uma rebelião popular embora permanecesse restrita ao nível do simbolismo (1986, p. 131).

Esta luta contra os valores da época representa a possibilidade de transgressão. A característica de motor do imaginário adiciona-se à de reservatório e uma grande ação é realizada. Sem dúvida, pode-se entender as palavras de Juremir Machado da Silva: todo o imaginário é real, e todo o real é imaginário. “O poder do simbólico é sempre superior ao das armas e do dinheiro”, BAUDRILLARD (1992, p. 91).

Mudança de contexto, mudança no simbolismo. Jerusalinski (2003) afirma que “as histórias destinadas às crianças se transformam para repassar novos valores às novíssimas gerações”, os jogos eletrônicos roubam o espaço da inteligência dedutiva e a reprodução emancipa-se de laços amorosos e da sexualidade. Percorrer a história dos personagens da campanha e suas funções simbólicas em cada época é tarefa instigante para um futuro próximo. Quais caminhos andaram, que papel desempenharam até a recente condenação, sem direito à defesa, ao Bem?



Figura 2 – Zero Hora 7 nov. 2003



Figura 3 – Zero Hora 17 ago. 2003

Em peças gráficas da Mula-Sem-Cabeça e da Bruxa lêem-se as chamadas: “Sim, tem gente que violenta crianças. E eu é que não tenho cabeça?” (figura 2), “Sim, tem mãe que nem banho dá nos filhos. E eu, a Bruxa-Má, é que sou uma Monstra?” (figura 3).

Todo o Mal é deslocado para dentro de casa, para os pais. Abandona o ser imaginário, encarna o ser real e torna-se fácil de ser eliminado. Espaço de transição, pois a finalidade última é o Bem. A letra da música adverte *não seja um monstro* e outras peças com ironia sublinham “Se eu, que sou o Boi-da-Cara-Preta, detesto violência em criança, imagina você que é uma boa pessoa” (figura 4).



figura 4 – Zero Hora 23 jul. 2003

Na campanha de final de ano, os monstros trocavam entre si seus filhos e preconizavam “O amor é a melhor herança. Em 2004, cuide de toda e qualquer criança” (figura 5). Pronto, todas as possibilidades do Mal foram arruinadas.

Após a longa trajetória de organização da família como entidade formadora de espíritos, das designações de atividades próprias para os pais e mães, após a longa descritiva de Badinter (1985) para desmistificar o instinto materno e liberar as mulheres da culpa pela indiferença, desamor, egoísmo e, principalmente, do sofrimento por qualquer eventual dano ocorrido



Fig. 5 – Zero Hora 7 dez.

na vida do filho, tem-se a eliminação da parte maldita. Não há espaço para sentimentos negativos, a retórica dos direitos, dos valores bons e humanitários, desaba com as singularidades, as individualidades. A força do valor ideal, do Bem é “a força condescendente e depressiva de boa vontade, que no mundo só aspira à retidão e se recusa a encarar a curva do Mal, a inteligência do Mal”, BAUDRILLARD (1992, p. 94).

O direito à palavra, à vida, ao trabalho, é o *leitmotiv* atual de uma sociedade que perdeu a evidência de todas estas coisas. A morte é tão evidente que, falar de um direito à morte é absurdo, desnecessário, “se uma coisa é evidente, todo o direito é supérfluo; e, se a reivindicação do direito for necessária, a coisa está perdida” (p. 95). Entretanto, os direitos humanos são a única ideologia disponível no momento, é o “grau zero da ideologia e saldo de toda história”.

Verifica-se a ascensão da sociedade vitimária, na qual, o outro revive como vítima, explora-se a miséria dos outros para ter a prova da própria existência, “a identidade nova é a da vítima”. Na mídia e nos discursos políticos e ideológicos, no espaço publicitário, o sofrimento humano é unânime. Instala-se a situação de celebração da infelicidade, “o discurso intelectual e midiático sancionam, ao tomar como seu encargo simultaneamente sádico e sentimental o direito das pessoas ao seu próprio sofrimento, a sua consagração enquanto vítimas e a perda das suas defesas naturais” (1996, p. 177).

Baudrillard sugere uma saída para este estado de coisas, dizendo ser necessário a devolução do Mal para que os seres possam ligar-se numa reciprocidade profunda. Assim, explica, é a economia da parte maldita, da qual o nada, o mal, o irreduzível, a ausência, são seus operadores simbólicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com receio de uma condenação moral, torna-se pertinente ocupar breves linhas, num primeiro momento, para elucidar que nenhuma referência à continuidade da violência em crianças é assinalada como possível salvação de uma sociedade em vias de desaparecimento. O que se faz é entender se na apologia ao Bem, o resultado é o Bem. É a construção de uma idéia sob outra perspectiva, como queria Nietzsche. Na brutalidade física não há nada de simbólico, e é este o elemento questionado até então.

Após a orgia: termo preciso de representação do vazio. Hiper-realismo, fim da ilusão, princípio da incerteza, excesso de positividade, queda na taxa de negatividade, dispersão das energias malditas, eis as essências criadoras da Transparência do Mal. Entre simulacros proliferam desaparecidos. O sujeito, o social, a história. A infância, que outrora não era reconhecida, hoje desaparece pela proliferação do Mesmo, pelo domínio

Assim como a infância nem sempre foi presente na história, os contos e fábulas [...] sofreram mutações entre regiões e através dos tempos.

e dominação da técnica. A abordagem da campanha da RBS (O Amor é a melhor herança, cuide das crianças), trouxe à luz a aniquilação do imaginário infantil. Além de perderem a liberdade de fantasiar seus monstros, seus medos, as crianças perdem o limite moral que equilibra e socializa ou socializou a coletividade. Como educar? Que princípios transmitir? Que ameaças utilizar? Aos pais, o desafio! Talvez elas não tenham mais nada e, honestamente, é assustador pensar em conviver com um ser de pequenas proporções físicas e incalculável coragem e segurança. Amedronta, mas se, adicionado a isso, introjetassem o princípio do Mal, poderiam voltar a ser o *futuro da nação*, responsabilizadas pela sacudida do social, que flutua no torpor da indiferença.

É uma divagação, é uma possibilidade mais tranqüilizadora do que a hipótese de pensar um mundo integralmente real no qual nenhuma Genealogia da Moral é possível.

NOTAS

* O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

¹ Doutoranda do PPGCOM da PUCRS.

² Maltratar as criancinhas é coisa que não se faz. Mesmo sendo o Diabo, disto nem eu sou capaz. Malvadeza com criança, não, não! Isso só pode ser coisa do tal Bicho-Papão / Peraí, vai devagar, cuide bem dos meus papóezinhos. Criança maltratada é coisa da Bruxa malvada / Que calúnia, minhas bruxinhas trato bem. É assim, nunca se esqueça! Isso só pode ser coisa da Mula-Sem-Cabeça / Que mentira deslavada, minhas mulinhas-sem-cabeça sempre foram bem tratadas. Ai de quem se intrometa. Quem assusta as criancinhas é o Boi-da-Cara-Preta / Não admito que falem, que maltrato meus boizinhos. Eu sempre dei a eles muito amor e carinho / Não seja um monstro! Por isso vamos cantar o amor é a melhor herança, cuide das crianças.

³ Estes trabalhadores eram tratados de forma abusiva. Trabalhavam muito, comiam os restos de comida que até os gatos recusavam. Estes bichos, segundo suas visões, eram mais reconhecidos e amparados do que eles próprios. A esposa do patrão possuía uma gata de estimação, *le grise*,

para a qual dispensava todo carinho e cuidado. Além disso, a quantidade de gatos existentes na rua da gráfica era gigantesca, impossibilitando o sono e o descanso dos operários. Como sabiam que seus patrões não ouviam os barulhos dos gatos, Léveillé, exímio imitador, no telhado da casa do dono da gráfica, pôs-se a imitar os ruídos dos gatos, até desagradar e sensibilizar os patrões. O chefe, atordoado, passado quatro noites, deu ordem aos aprendizes para eliminarem os gatos. Sua esposa, entretanto, pediu para não assustarem *le grise*. Trabalhadores unidos e munidos com cabos de vassoura, barras de impressora e outros instrumentos, começaram a matança, a iniciar por *le grise*. Encerraram o extermínio fingindo um julgamento, condenando os gatos e os dependurando em forcas improvisadas. Tudo isso ao som de muita euforia, gargalhada e desordem.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal: ensaios sobre os fenômenos extremos**. São Paulo: Papirus, 1992.

_____. **O Crime Perfeito**. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

_____. **O Elogio Radical da Parte Maldita**. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Disponível em: <http://www.jornalexpress.com.br/noticias/detalhes_dinamico.php?_jornal=1901&id_noticia=22>. Acesso em nov. 2003.

_____. **Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Chapeuzinho anda atrás do lobo mau**. Zero Hora, Porto Alegre, 30 ago. 2003. Caderno de Cultura, p. 6.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.